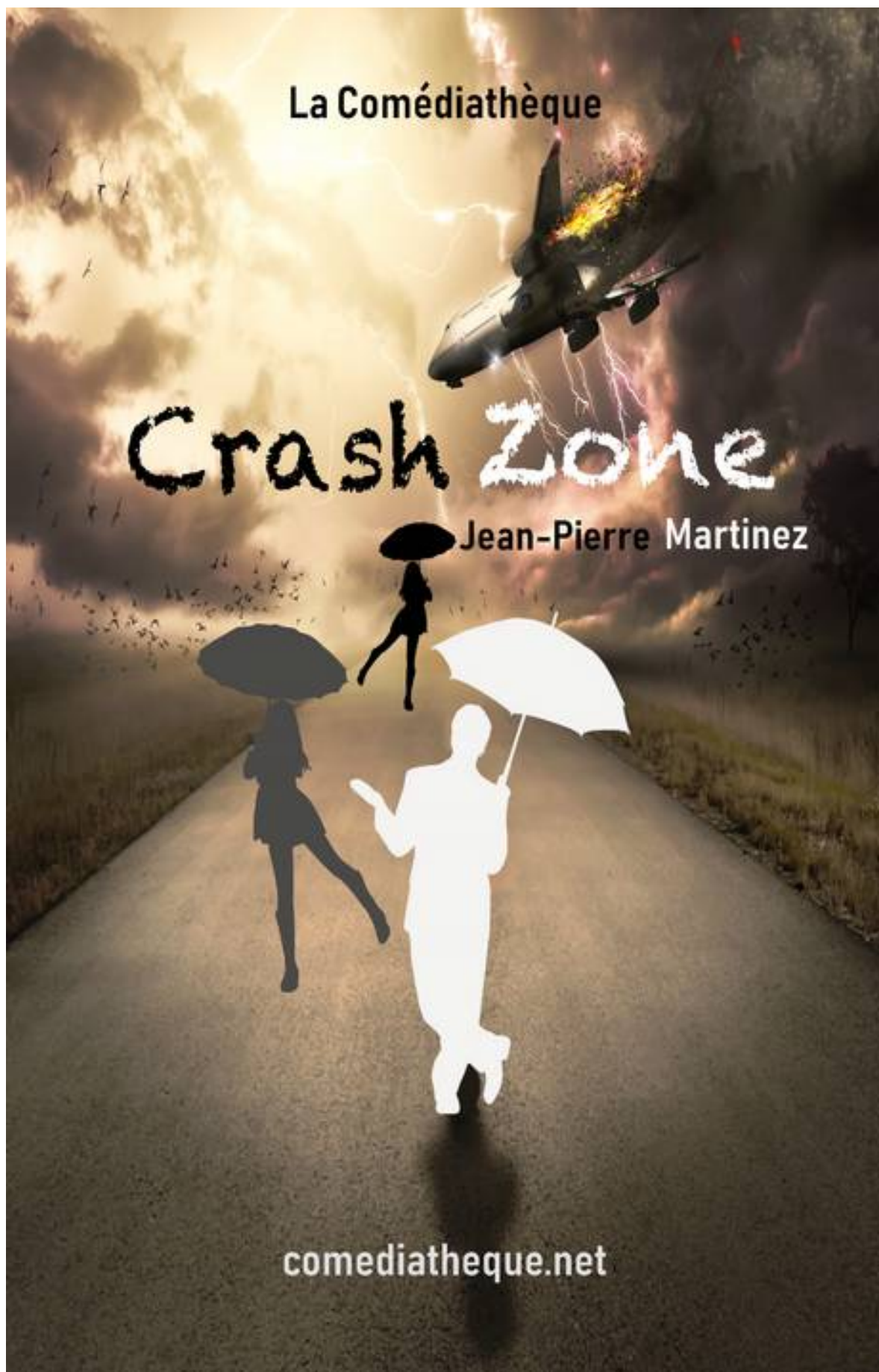


La Comédiathèque

Crash Zone

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net



**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Crash Zone

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Três pessoas encontram-se no local de um acidente de avião para prestar uma última homenagem ao irmão desaparecido. Mas o que aconteceu realmente? E quem são elas, afinal?

Personagens

Dom
Fred
Yan

Três personagens de sexo indiferente.

Nesta versão, Fred é um homem e Dom e Yan são mulheres.

© La Comédiathèque

Fred chega. Não parece saber muito bem onde está. Dom chega logo a seguir.

Dom – Ah, estás aí?

Fred – Sim.

Dom – Pensei que te tinha perdido... (*Olham à sua volta.*) Então, é isto? Chegámos?

Fred – Sim.

Dom – Bem...

Uma pausa.

Fred – Não está propriamente calor.

Dom – Não...

Dom aproxima-se da beira do palco.

Fred – Cuidado, acho que estamos mesmo à beira do abismo.

Dom – Do abismo?

Fred – Quero dizer, da falésia.

Dom dá mais um passo, com cuidado, e olha na direção do público.

Dom – Ah, está bem... Sim, é... É alto.

Fred junta-se a ela.

Fred – Pois... Nem sequer se consegue ver o fundo...

Ficam a olhar em frente, em silêncio, durante algum tempo.

Dom – Continuo sem perceber muito bem o que raio estamos aqui a fazer...

Fred – Foi aqui que ele desapareceu. Ao que parece...

Dom – Aqui?

Fred – Mais ou menos...

Dom – Uma coisa é certa: não é aqui que vamos encontrá-lo.

Fred – Não...

Uma pausa.

Dom – Mas quando dizes «aqui»...?

Fred – O avião explodiu em pleno voo. A uma altitude bastante elevada, pelos vistos. Encontraram destroços numa faixa com cerca de dois quilómetros de largura por oito de comprimento.

Dom – Portanto, até aqui.

Fred – Para lá da falésia, é... Não se sabe.

Dom – Está bem, portanto, não foi... exatamente aqui.

Fred – Ele não saltou de paraquedas. Desintegrou-se no ar. Portanto, é natural que...

Dom – Dois quilómetros de largura por seis de comprimento...

Fred – Oito.

Dom – São dezasseis quilómetros quadrados.

Fred – Mais ou menos...

Dom – Portanto, o que queres dizer é que... foi algures por esta zona que ele se evaporou...

Fred – Exatamente.

Dom – Quer dizer... foi pulverizado.

Fred – Não encontraram quaisquer restos do corpo na zona de dispersão.

Dom – Na zona de...?

Fred – Nada que pudesse ser identificado por uma análise de ADN, pelo menos.

Uma pausa.

Dom – Mas que raio estaria ele a fazer naquele avião?

Fred – Não sei... Deus está em toda a parte...

Dom – Como?

Fred – Não, quero dizer... Foi o destino. Estava no sítio errado à hora errada, só isso.

Dom – No fundo, até era um pouco como Deus... Nunca estava no sítio certo à hora certa... Pelo menos quando precisávamos dele...

Fred – Talvez devêssemos ter trazido flores ou... Sei lá... Uma coroa.

Dom – Sim... Temos de nos lembrar disso da próxima vez.

Fred – Da próxima vez? Queres dizer... da próxima vez que viermos cá prestar-lhe homenagem?

Dom – Bem... Sim. Não estava a falar da próxima vez que ele se despenhar de avião, pois não?

Fred – Não.

Dom – Era uma maneira de falar. Também não vamos fazer uma peregrinação a Brest todos os anos.

Fred – Não, claro.

Dom – Era nosso irmão, viemos despedir-nos dele, é normal. Mas pronto... Também não era o Soldado Desconhecido. E eu não sou muito dada a cerimónias de homenagem...

Fred – Pois... Não, eu também não... Ainda por cima, fica longe de tudo...

Uma pausa.

Dom – Um voo Paris–Brest... É um bocado ridículo, convenhamos... Para quê ir de avião até Brest?

Fred – Sobretudo ele, que nunca andava de avião...

Dom – E, afinal, que raio ia ele fazer a Brest?

Fred – Provavelmente, nunca saberemos...

Uma pausa.

Dom – E... temos mesmo a certeza de que ele ia naquele avião?

Fred – Sim, evidentemente...

Dom – Como podemos ter tanta certeza? Não encontraram o menor vestígio dele na zona do acidente.

Fred – Também não encontraram vestígios dele em lado nenhum...

Dom – A verdade é que, em geral, não era pessoa de deixar grandes marcas por onde passava...

Fred – Era um bocado distraído... Quero dizer, discreto...

Dom – Até se podia dizer que passava despercebido... Por isso, uma morte tão dramática...

Fred – Não combina nada com ele. Mas o nome constava da lista de passageiros... Não há dúvidas.

Dom – Podia ter perdido o avião à última hora.

Fred – Isso, sim, é que não era nada do género dele.

Dom – É verdade que era bastante pontual.

Fred – Sim... Quase obsessivo...

Dom – Do género que punha o despertador para a meia-noite, para não se esquecer de mudar a hora na primavera.

Fred – Não, não podia ter perdido aquele voo. Infelizmente... E, se tivesse perdido, já teríamos tido notícias dele.

Uma pausa.

Dom – Pronto, e agora? O que é suposto fazermos?

Fred – Não sei... Só cá estamos para... lhe prestar uma última homenagem.

Dom – Está bem...

Fred – A mãe parecia fazer muita questão de vir.

Dom – É pena que, afinal, não tenha vindo.

Fred – Não se estava a sentir bem... Temos de a compreender...

Dom – Sim... Para ela, claro... foi um choque.

Fred – Apesar de tudo, era filho dela.

Dom – Mas, já que ela desistiu da viagem, podíamos ter cancelado...

Fred – Fui eu que comprei os bilhetes. Não podiam ser trocados nem reembolsados.

Dom – Percebo... Portanto... estamos aqui para não desperdiçar os bilhetes.

Fred – Exatamente.

Dom – E o bilhete da mãe?

Fred – Dei-o à... Yan.

Dom – A sério? A Yan também vem?

Fred – Afinal, faz parte da família.

Dom – Se tu o dizes... Mas... não a vimos no comboio! Ou vimos?

Fred – Era um bilhete de avião... A mãe queria fazer exatamente o mesmo percurso que ele... Para perceber melhor...

Dom – Perceber o quê?

Fred – Não sei...

Dom – Estou a ver... Como aquelas pessoas que percorrem as doze estações da Via-Sacra de calções e chinelos, com uma bebida fresca na mochila... Para perceber melhor...

Fred – Sim... Ou que fazem o Caminho de Santiago aos bocadinhos, um ano de cada vez, e dormem em alojamentos confortáveis todas as noites.

Dom – Portanto, no fim de contas, foi a Yan que herdou o Paris–Brest dele...

Fred – Não sei o que aconteceu... Devia ter chegado antes de nós.

Dom – E então... viajou na mesma companhia? Quero dizer, naquela companhia da treta cujo avião se despenhou aqui?

Fred – Arco-Íris Low Cost... Sim...

Dom – Bom... Espero que, pelo menos no caso dela, se encontrem alguns pedaços.

Fred – Desde que não sejam muito grandes nem nos caiam em cima da cabeça. Porque ela é um peso-pesado...

Desatam os dois a rir. Yan chega, com uma roupa um pouco extravagante e pouco apropriada para uma última homenagem a um desaparecido. Traz uma pequena caixa de pastelaria. Os outros dois tentam recuperar a compostura.

Yan – Ah, já cá estão?

Dom – Sim, e... por acaso, já começávamos a ficar preocupados por ainda não teres chegado.

Fred – Correu bem a viagem?

Yan – Sabem como é... Paris–Brest... O voo é tão curto que nem têm tempo de servir uma refeição quente... (*Mostrando a caixa*) Passei numa pastelaria pelo caminho e comprei isto...

Fred – Ah, sim...

Yan – Então, é aqui?

Dom – Ao que parece.

Yan olha à sua volta e dá alguns passos em direção à plateia.

Fred – Não te aproximes demasiado.

Dom – Era o que faltava: cáíres de uma falésia ao prestar homenagem a uma vítima de um acidente de avião. Sobretudo se estivesse alguém lá em baixo...

Yan – Queria trazer flores, mas no avião... E depois não encontrei nenhuma florista.

Dom – Felizmente, encontraste uma pastelaria...

Um momento de recolhimento.

Yan – Evidentemente, não encontraram nada?

Fred – Não procurámos propriamente.

Dom – Não foi para isso que viemos, pois não?

Yan – Para ser sincera, começo a perguntar-me para que viemos.

Dom – Para lhe prestar uma última homenagem, pelos vistos.

Yan – Está bem... E como se faz isso?

Fred – Estávamos precisamente a perguntar-nos o mesmo antes de chegares.

Yan – É nestas alturas que a religião pode dar uma ajuda. (*Os outros dois olham para ela, surpreendidos.*) No que toca aos rituais, quero eu dizer...

Dom – Sim, porque... Não estou a ver-nos a recitar uma oração.

Fred – Sobretudo porque não sabemos nenhuma.

Dom – Mais alguma ideia?

Yan – Sei lá... Um minuto de silêncio?

Fred – Está bem...

Ficam em silêncio durante algum tempo. Dom olha para o relógio.

Dom – Eu já estou cheia de fome... *(Olhando para a caixa)* Então, trouxeste-nos bolos?

Yan – Só comprei um, mas... Podemos partilhá-lo.

Yan abre a caixa.

Fred – O que é?

Yan – Um Paris-Brest. É um bolo francês que tem o nome das duas cidades do trajeto.

Dom – Ah, pois... É... É muito apropriado para a ocasião...

Yan – Não sei é como vamos cortá-lo em quatro.

Dom – Em quatro?

Yan – Quero dizer, em três. Somos três, não somos?

Fred – Ando sempre com uma faca...

As outras duas lançam-lhe um olhar apreensivo. Fred tira uma faca e corta o bolo em três.

Dom – Pronto... Uma espécie de comunhão republicana.

Cada um tira um terço do bolo e começa a mastigar.

Yan – É verdade que podíamos tê-lo dividido em quatro, mas...

Fred – Já não é muito grande...

Dom – Sim, uma espécie de sacrifício... É um ritual comum a várias religiões... A parte de Deus...

Yan – Ou a parte do Diabo.

Dom – A parte do Pai, do Fisco e do Espírito Santo.

Fred – A parte dos pobres...

Dom – Espero que não nos fique a pesar no estômago.

Uma pausa.

Dom – Choveu bem, não choveu?

Fred – Estamos na Bretanha.

Dom – Mas isto não se parece muito com a Bretanha, pois não?

Yan – Não sei.

Dom – Quero dizer... Podíamos estar em qualquer lado. Isto não se parece com nada.

Fred – Há falésias...

Yan – Sim, mas não vejo o mar. Vocês conseguem ver o mar?

Fred – Não.

Dom – Está tudo muito escuro. E a falésia parece altíssima.

Fred – Pergunto-me se ainda tiveram tempo de ver o mar, antes de...

Dom – Não sei...

Yan – Nunca saberemos...

Dom – Mas tu, que fizeste o mesmo voo? Via-se o mar ou não?

Yan – Não sei... Eu... Adormeci...

Dom – Está bem... Oferecemos-lhe uma peregrinação de avião e ela põe-se a dormir. Nós que contávamos contigo para nos contar... E agora como é que fazemos o luto?

Uma pausa.

Fred – Parou.

Yan – Sim. Está a abrir um pouco.

Fred – Parece que vai aparecer um arco-íris.

Dom – Dizem que o corpo humano é constituído sobretudo por água.

Fred – E então?

Dom – Talvez seja ele.

Yan – Quem?

Dom – O arco-íris... *(Os outros dois olham para ela, sem perceber.)* Como disseste, ele foi vaporizado...

Os três voltam a olhar para o arco-íris.

Yan – Então é como uma aparição.

Fred – Sim, é quase como se o tivéssemos encontrado.

Dom – Sim... Quase...

Contemplam o arco-íris enquanto acabam de comer o Paris-Brest.

Yan – Podemos contar isso à mãe. A história do arco-íris... Vai deixá-la contente.

Fred – É verdade que é um belo símbolo...

Yan – O arco da aliança...

Dom – A família finalmente reunida...

Uma pausa.

Fred – Talvez pudéssemos tirar uma fotografia?

Dom – Achas?

Yan – Fica de recordação.

Dom – Está bem...

Fred – Podíamos tirar uma selfie.

Os três colocam-se de costas para o público para tirar uma selfie.

Yan – Digam «xis»...

Fred tira a fotografia e os três desfazem a pose.

Dom – Já podemos ir embora, então?

Yan – Mas eu acabei de chegar!

Fred – Podemos ficar mais um bocadinho.

Yan – Vai ajudar-nos a...

Fred – Fazer o luto...

Yan – Foi para isso que viemos, não foi?

Dom – Pronto...

Fred, que tirou a fotografia, observa o resultado no ecrã.

Fred – Só se vê o arco-íris... Não sei porquê, mas pronto... Serve assim.

Dom – Deixa ver... *(Fred mostra-lhe o ecrã.)* Ah, sim... Parece o logótipo de...

Fred – Do movimento LGBT...

Dom – Eu estava a pensar mais num anúncio de uma seguradora ou de um banco...

Yan – Ou de uma companhia aérea...

Dom – Arco-Íris Low Cost...

Yan *(olhando à sua volta)* – Eu não conhecia a Bretanha. E vocês?

Fred – Eu já tinha vindo, claro.

Yan – Temos de voltar cá. No verão.

Dom – Mas não estamos no verão?

Yan – Ah, pois, talvez... É por causa do tempo...

Fred – Aliás, voltou a chover.

Yan – Sim. O arco-íris desapareceu.

Dom – É um sinal, não é?

Fred – Sinal de quê?

Dom – De que talvez já possamos ir embora. O holograma milagroso desapareceu. Já chega, não?

Yan – Não sei...

Dom – Por mim chega, já fiz o meu luto. Vocês não?

Fred – Está bem. Vamos.

Yan abre um guarda-chuva.

Dom – Até te lembraste de trazer um guarda-chuva!

Yan – O que é que vocês fariam sem mim?

Os outros dois abrigam-se sob o guarda-chuva, um de cada lado de Yan.

Yan – Ao menos serviu para passarmos algum tempo juntos.

Dom – Sim... Afinal, esta experiência dolorosa aproximou-nos.

Fred – Há quanto tempo não nos víamos, afinal?

Yan – Não sei... Há muito tempo...

Fred – Espera, da última vez foi...

Dom – E por onde é que se vai, já agora?

Hesitam um instante.

Fred – Por ali, acho eu...

Dom – Tens a certeza?

Yan – Devíamos ter deixado um rasto de pedrinhas pelo caminho, como no conto do Polegarzinho...

Fred – Vamos tentar por ali. Logo se vê.

Preparam-se para sair quando Yan vê no chão um objeto e o apanha.

Fred – O que é isso? Uma pedra?

Yan – Uma esferográfica.

Dom – Bem... Sempre valeu a pena teres vindo...

Yan examina a esferográfica.

Fred – O que foi?

Yan – É uma esferográfica publicitária.

Dom – E depois?

Yan (*estendendo-lhe a esferográfica*) – Toma, olha...

Dom pega na esferográfica e examina-a também.

Dom – Crédit Parisien...

Yan – Ele trabalhava num banco... No Crédit Parisien, salvo erro...

Fred – Queres dizer que...?

Dom – Mas esperem lá... Há milhares de pessoas a trabalhar no Crédit Parisien! Já para não falar dos milhões de clientes!

Fred – Sim... Mas estamos na zona do acidente...

Dom – Uma zona de dezasseis quilómetros quadrados! A polícia não encontrou o menor vestígio dele, e nós íamos encontrar a esferográfica?

Yan – Porque não? Os milagres existem, não existem?

Dom – Ah, sim? E eu convencida de que precisamente não existiam...

Fred – Sem falar em milagres... Às vezes até se encontra uma agulha num palheiro.

Dom – Acho que estamos a começar a delirar. Deve ser da febre. Apanhámos frio.

Yan recupera a esferográfica e volta a examiná-la.

Yan – Tem aqui a morada de uma agência do Crédit Parisien, em Paris.

Fred – Ele morava nessa zona de Paris?

Yan – De qualquer maneira, vivia em Paris. E nós estamos na Bretanha.

Dom – Pois...

Yan – Talvez tenha deixado uma mensagem...

Dom – Uma mensagem...?

Yan – Se tinha a esferográfica na mão quando o avião começou a cair a pique... Talvez ainda tenha tido tempo de escrever uma mensagem ao perceber que ia morrer...

Dom – Claro... E porque não lançar também uma mensagem numa garrafa ao mar? Pela janela do avião.

Fred – Mas a verdade é que esta esferográfica não chegou aqui sozinha...

Dom – Hoje em dia, numa situação dessas, pega-se no telemóvel para deixar uma mensagem, não? Ninguém tira papel e caneta para escrever o testamento...

Yan – Mas tu sabes perfeitamente que ele não tinha telemóvel!

Dom – Ah, não tinha telemóvel? Não, não sabia...

Fred – Da última vez que me telefonou, foi de uma cabine telefónica. Mas a chamada caiu. Nem tivemos tempo de conversar... Nem pude despedir-me dele.

Dom – E porque haverias de te despedir? Não sabias o que lhe ia acontecer!

Yan – De qualquer maneira, é proibido usar o telemóvel nos aviões. Pode interferir com as comunicações do piloto com a torre de controlo.

Fred – Vai-se a ver, se calhar foi ao tentar deixar uma mensagem de despedida que provocou a catástrofe aérea...

Dom – Ah, pois... Que lógica irrepreensível.

Yan – O que ele quer dizer é que... isso poderia ter precipitado a queda do aparelho.

Dom – Eu sei que aquele tipo tinha um azar dos diabos e dava azar a toda a gente que se aproximava dele, mas mesmo assim...

Fred – Eu, se pudesse escolher, não teria viajado com ele num avião numa sexta-feira 13.

Dom – Pois. Aposto que, se tivesse vivido naquela época, o nome dele também figuraria na lista de passageiros do Titanic.

Fred – Então, o que fazemos?

Yan – Podíamos dar uma vista de olhos, assim de passagem...

Dom – Uma vista de olhos? A quê?

Yan – Se a esferográfica caiu aqui, talvez o papel não esteja longe.

Dom – Estás a brincar?

Fred – Já que cá estamos... O que temos a perder?

Yan e Fred começam a procurar, sob o olhar desolado de Dom.

Yan – Não se vê grande coisa...

Fred (para Dom) – Já agora, ajuda-nos. Assim acabamos mais depressa!

Dom revira os olhos.

Dom – Não acredito nisto...

Finge procurar um pouco.

Yan – Já procuraste por ali?

Fred – Vou procurar...

Yan – Eu vou ver do outro lado. Dom, fica tu com este canto.

Fred – Se a esferográfica caiu aqui, o papel pode não estar muito longe.

Dom – Só que o papel voa. Muito melhor do que uma esferográfica. E, já agora, muito melhor do que um avião...

Dom encolhe os ombros quando, de repente, algo lhe chama a atenção. Baixa-se, apanha um papel e lê-o.

Yan – O que é isso?

Fred – Não pode ser... Será isto?

Yan – O testamento dele? Quero dizer... a carta de despedida?

Dom – Não sei... Há aqui umas palavras rabiscadas... Não está assinado.

Fred – Talvez não tenha tido tempo.

Yan – Mas é a letra dele?

Dom – Tu conheces a letra dele?

Yan – Não.

Fred – Não era de escrever muito.

Dom – Pois não. Aliás, mesmo quando era vivo, passava a maior parte do tempo a fazer-se de morto.

Yan – Mas o que é que diz?

Dom (*lendo*) – Um bilhete para te dizer que esta noite não volto a casa...

Fred – Só isso?

Dom – Só isso.

Yan – E não está assinado?

Dom – Não.

Fred – Mas a quem é que se dirige?

Dom – Quem sabe...

Yan – À mulher dele, talvez.

Fred – Ele era casado?

Yan – Que eu saiba, não.

Fred – Se calhar era gay...

As outras duas olham para Fred, surpreendidas.

Dom – Porque é que dizes isso?

Fred – Não sei... Ocorreu-me... Como não era casado.

Dom – Relembro-te que hoje em dia se pode ser gay e casado.

Fred – Tens razão. Não sei porque disse aquilo.

Yan – Sim... Começo a perguntar-me se realmente o conhecíamos assim tão bem.

Dom – Não me digas!

Fred – Como saber se este bilhete foi escrito por ele ou não...?

Yan – Deixa ver...

Yan pega no papel que Dom lhe estende, tira a esferográfica e traça um risco.

Yan – A tinta é da mesma cor que a da esferográfica.

Fred – De que cor?

Yan – Azul.

Fred – Achas que isso significa que o bilhete foi escrito com esta esferográfica?

Dom – Não é propriamente uma prova conclusiva. Metade das esferográficas escreve a azul!

Yan vira o papel.

Yan – Está escrito no verso de um folheto publicitário...

Fred – E a publicidade é de quê? Do banco?

Yan – De um vidente africano... Proteção contra o mau-olhado, regresso da sorte, sucesso no amor e no trabalho, felicidade do casal e da família...

Dom – Se ele estava mesmo naquele avião, não lhe serviu de grande coisa.

Yan – «Um bilhete para te dizer que esta noite não volto a casa...» Mesmo assim, parece uma mensagem de despedida, não parece?

Dom – Sim... Ou pode ser um recado deixado por um marido na mesa da cozinha, a dizer à mulher que tem de passar a noite fora por motivos de trabalho. Ou de uma mulher a avisar o marido de que o deixou.

Yan – Aqui? No meio de nenhures?

Dom – Volto a repetir: os papéis voam... às vezes.

Fred – Então, o que fazemos?

Dom – Como assim, o que fazemos?

Fred – Mesmo que não tenha sido ele a escrever o bilhete, foi outro passageiro. Devíamos tentar descobrir quem.

Dom – Para quê?

Yan – Para o entregar à pessoa a quem se destinava, claro!

Dom – Estás a imaginar-nos a fazer uma perícia caligráfica para descobrir qual das vítimas do acidente escreveu esta mensagem e a quem se destinava?

Fred – Evidentemente, não seríamos nós a fazer as análises. Mas podemos entregar o documento aos peritos da polícia científica.

Dom – Claro... Tudo isso para que, daqui a seis meses ou um ano, uma viúva ou um órfão receba a última mensagem do ente querido: «Um bilhete para te dizer que esta noite não volto a casa.» Acho que a essa altura já devem ter desconfiado, não?

Fred – Pois, vendo bem, não deixa de ser verdade...

Yan – É verdade, visto assim...

Dom – Mas é evidente!

Fred – Então, o que fazemos ao papel?

Dom – Deixamo-lo onde o encontrámos e pronto.

Yan – Está bem... *(Procura o lugar onde deixar o papel.)* Foi aqui?

Dom – Não sei... Talvez um pouco mais adiante... Isso tem assim tanta importância?

Fred – Assim, nada terá sido alterado... De certa maneira, isto é um santuário.

Yan – É verdade... Um lugar assombrado pelos fantasmas dos mortos... Não sentem a presença deles?

Fred – Sim... Um bocadinho...

Dom – Sim, se tu o dizes...

Yan pousa delicadamente o papel no chão e fica um instante imóvel, recolhida.

Yan – Mas vou ficar com a esferográfica.

Dom – Fazes bem... Pode dar jeito... Sobretudo se regressares de avião. Nunca se sabe, o azar pode repetir-se... Também tens papel? Tenho algum, se precisares...

Yan guarda a esferográfica.

Yan – Então, já podemos ir embora.

Dom – Isso mesmo, vamos...

Fred hesita de novo.

Fred – Desculpem, mas...

Dom – O que foi agora?

Fred – Só vos peço um minuto.

Dom – A que horas é a porcaria do comboio? Ainda o vamos perder, se continuarmos assim. Já está a escurecer.

Fred – Não se preocupem, é só um segundo.

Yan – Está bem... Estamos a ouvir.

Fred – É a propósito do que eu disse há pouco...

Yan – O quê? O que disseste?

Fred – Quando disse... que ele talvez fosse gay.

Yan – E então? Também tens novas informações sobre isso?

Dom – Agora que está morto... a orientação sexual dele até perde um bocado de importância, não acham?

Fred – Na verdade... Tenho boas razões para pensar que ele era...

Yan – Gay?

Dom – Meu Deus, claro que sim!

Yan – Pois é, o arco-íris! Quando dizíamos que era um sinal...

Dom – Isto é um pesadelo... Não vamos passar aqui a noite a falar do coming out póstumo de um tipo cujos restos estão espalhados por dezasseis quilómetros quadrados!

Yan – Mesmo depois da morte, temos o direito de saber quem ele era realmente. Afinal, era nosso irmão.

Dom – Pronto, então o nosso querido irmão era gay ou não era, porra?

Fred – O que eu queria dizer é que tenho boas razões para pensar que ele não era realmente nosso irmão.

Dom – Bolas... Nunca mais saímos daqui...

Yan – Não era nosso irmão? Queres dizer... que foi adotado, ou assim?

Fred – Nem isso.

Dom – Como assim, nem isso?

Fred – Tinha mais ou menos a nossa idade. Talvez fosse um bocadinho mais velho. Sempre pensámos que era o nosso irmão mais velho. Mas...

Yan – É verdade que nunca me ocorreu perguntar-lho diretamente.

Fred – Até porque ele não era muito conversador.

Yan – Não... Confesso que às vezes até me perguntava se não seria mudo...

Dom – Portanto, na vossa opinião, aquele tipo que sempre vimos lá em casa não era nosso irmão?

Fred – Temos de reconhecer que isso nunca foi dito claramente.

Dom – Pois... Confesso que estou sem palavras... Nunca foi dito claramente...

Yan – Mas então, se não era nosso irmão, quem era?

Fred – Atenção, eu não disse que tinha a certeza.

Dom – Disseste que tinhas boas razões para o pensar.

Yan – Sim, e que boas razões são essas?

Fred – Bem... Para começar, não se parecia muito connosco.

Dom – Também não se pode dizer que nós os três sejamos muito parecidos... E, no entanto, somos irmãos.

Yan – Sim, isso é verdade.

Dom – Bem vistas as coisas... Sabe-se lá... Talvez nem sequer sejamos irmãos...

Yan – Achas?

Dom – Claro que não, estou a brincar... Embora... Isso também nunca tenha sido dito claramente.

Fred – É verdade...

Dom – Mas vocês não acham que já estamos a ir longe de mais?

Yan – Isto já me começa a meter um bocado de medo. A vocês não?

Fred – Sim...

Dom – Mas quando disseste «para começar, não se parecia muito connosco»... Tens mais razões para pensar que não fosse nosso irmão?

Fred – Bem... O primeiro nome, por exemplo...

Yan – O primeiro nome... Pois é... Como é que ele se chamava, mesmo?

Dom – Loïc.

Yan – Exatamente. Sempre tive dificuldade com esse nome. Ainda hoje nem sei bem como se escreve.

Fred – Loïc? Escreve-se como se pronuncia, não?

Yan – Pois... Mas é precisamente isso... Leva ou não leva aqueles dois pontinhos sobre o «i»? Sem o trema, já não se lê «Loïc». Em princípio...

Fred – Isso... *(Para Dom)* Tu punhas-lhe o trema, ou não?

Dom – Não sei... E, para vos ser franca, nunca me tinha posto essa questão. Até porque nunca tive de escrever o nome dele...

Fred – Pois, também não tínhamos grandes motivos para lhe escrever cartas. Estava sempre lá em casa...

Yan – E mesmo a pronunciá-lo... A verdade é que quase nunca o chamávamos pelo nome.

Fred – Não. E, quando o chamávamos, quase nunca respondia.

Dom – Às vezes até me perguntava se seria surdo.

Yan – Loïc...

Fred – É um nome bretão.

Yan – A sério?

Fred – Sim! Acho até que é uma marca de sidra.

Dom – Que estranho... Sempre pensei que fosse polaco.

Yan – Polaco? Porquê?

Dom – Não sei... Aquele «ïc» no fim faz-me lembrar um nome polaco...

Yan – Eu chamo-me Yannick e não sou polaca. Pelo menos, que eu saiba...

Fred – De qualquer maneira, bretão ou polaco, não é um nome francês... Quero dizer, como os nossos: Dominique, Frédéric, Yannick...

Dom – Tu chamas-te Frédéric?

Fred – Claro! Não sabias?

Dom – Não...

Yan – Eu também não...

Dom – Sempre te chamámos Fred.

Fred – Fred é o diminutivo de Frédéric.

Dom – De qualquer maneira, ele tinha um nome bretão. Podemos perguntar-nos porquê.

Yan – Daí a concluir que não era nosso irmão...

Dom – Quando voltarmos, podemos sempre perguntar à mãe.

Yan – Pois... Embora não sejam perguntas fáceis de fazer à nossa mãe...

Fred – Eu queria fazer-lhe um teste de ADN, mas morreu antes.

Yan – Sem lhe pedir autorização, queres dizer?

Fred – Há sempre maneira de arranjar um bocadinho de... Hoje em dia não é complicado.

Dom – Pois, mas agora vai ser mais difícil. Dezasseis quilómetros quadrados e nem um pedacinho visível a olho nu...

Yan – Loïc... Isso talvez explicasse o Paris–Brest...

Dom – Como assim?

Yan – Se era um nome bretão! Talvez ainda tivesse ligações à Bretanha...

Dom – Agora que falas nisso, vi-o muitas vezes a comer crepes e a beber sidra.

Yan – A sério?

Dom – Claro que não, estou a brincar... Vocês veem que estamos completamente a delirar.

Yan – Mesmo assim... Isto tudo é muito estranho...

Dom – O quê? O que é estranho?

Fred – Para começar... Porque é que a mãe não veio?

Dom – Foste tu que me disseste que não se sentia bem.

Yan – Talvez fosse só um pretexto para não vir.

Dom – Pois, claro... E talvez nem sequer seja nossa mãe...

Yan – Eu não disse isso...

Dom – Ainda há pouco perguntávamos se éramos mesmo irmãos. Se não somos irmãos, a mãe também não pode ser mãe de todos nós.

Fred – Então é mãe de quem?

Yan – De Loïc?

Dom – Pronto, está explicado! O verdadeiro filho da família era ele. E os falsos irmãos somos nós.

Fred – Mas então que raio estávamos nós lá a fazer? Quero dizer, porque passámos tantos anos naquela família, se nem sequer fazíamos parte dela?

Dom – Quem sabe...

Yan – Talvez nos tivessem deixado lá para ela tomar conta de nós.

Dom – Pois... Os nossos pais nunca nos vieram buscar. E aquela a quem chamávamos mãe ficou connosco. Por caridade cristã.

Yan – E nunca teve coragem de nos dizer que não éramos realmente filhos dela.

Fred – É verdade que nunca nos disse claramente que éramos filhos dela.

Dom – Pronto! E, como o verdadeiro filho dela era surdo-mudo, também não podia dizer o contrário.

Fred – Isso explicaria muita coisa...

Yan – Sim... Agora está tudo claro...

Dom – Achas?

Uma pausa.

Yan – Mas ainda há um pormenor que me intriga.

Dom – Não me digas!

Yan – Isso quer dizer que os nossos pais verdadeiros morreram todos ao mesmo tempo?

Dom – Como assim?

Fred – Se estávamos ao cuidado dela, e ela nos adotou porque os nossos pais morreram... Então os nossos pais morreram todos ao mesmo tempo.

Yan – Uma vez que não somos irmãos.

Dom – Ah, pois...

Yan – Num acidente, portanto.

Fred – Sim... Talvez fossem todos no mesmo avião...

Dom – Que avião?

Yan – Sei lá... O que se despenhou aqui?

Dom – Aqui?

Fred – Mas há quanto tempo ocorreu este acidente, exatamente?

Dom – Exatamente, não sei. E confesso que já estou um bocado perdida. Não preferem esquecer esta hipótese e continuarmos a ser irmãos?

Yan – Tens razão... Não exageremos. Somos irmãos, é evidente...

Uma pausa.

Fred – Tenho outra hipótese.

Yan – Qual?

Fred – E se ele fosse antes o nosso pai?

Dom – Quem?

Fred – O Loïc!

Dom – Pronto, cá vamos nós outra vez.

Yan – Era um bocado novo para ser nosso pai, não era?

Fred – Novo? Depende... De que idade estamos a falar?

Dom – Além disso, nunca o vimos com... Quero dizer, não dormia no mesmo quarto que a nossa mãe.

Fred – Isso ter-nos-ia chamado a atenção.

Yan – Na verdade, nem sei em que quarto dormia.

Fred – Pois... Nem em que prato comia.

Yan – Ou em que armário guardava a roupa.

Dom – Resumindo, nem sequer conseguimos dizer com certeza se ele existiu.

Consternação geral.

Fred – Loïc...

Yan – Nosso pai...

Dom – Pai nosso que estais nos Céus...

Yan – Depois de desaparecer sem deixar vestígios num acidente de avião. Antes de nos poder dar a vida.

Dom – Antes?

Yan – Se ele não existe, quer dizer que não somos filhos dele.

Dom – Ou que nós também não existimos...

Yan – É Loïc... Quero dizer, é lógico...

Uma pausa.

Fred – Então é isso... Somos os filhos que a nossa mãe nunca teve.

Dom – É verdade que ela também quase nunca nos dirigia a palavra.

Yan – Pois... E temos de reconhecer que, onde ela mora, só há um quarto, não é?

Fred – O dela.

Yan – Claro... A mãe sempre viveu num estúdio.

Dom – Daqui a pouco vão dizer-me que também era virgem... Ou freira...

Fred – Acham que aquele estúdio podia ser a cela de um convento, ou coisa parecida?

Dom – Pois claro... Entrou para o convento porque Deus Pai caiu ao mar antes da imaculada conceição...

Ficam os três espantados durante alguns instantes.

Fred – Vou tirar outra fotografia.

Dom – Uma fotografia de família? Para quê? Não me parece que isso ainda faça muito sentido, pois não?

Yan – Para sabermos se existimos realmente. Há pouco nem aparecíamos na fotografia.

Dom – Não sei bem...

Yan – O quê?

Dom – Se quero saber...

Fred recua um pouco em direção aos bastidores, para conseguir enquadrar melhor a fotografia.

Fred – Vou fotografar-vos às duas, só para ter a certeza... Aproximem-se um bocadinho...

Dom e Yan aproximam-se uma da outra, um pouco constrangidas. Fred recua mais, até desaparecer. Um momento de perplexidade. Mudança de luz.

Dom – Acho que me estou a lembrar.

Yan – Não foi um acidente.

Dom – Também não foi um atentado.

Yan – Foi...

Dom – Uma espécie de suicídio.

Yan – Exatamente. Um suicídio coletivo.

Dom – Quer dizer, não foi bem um suicídio.

Yan – O piloto atirou-os a todos para o fundo do abismo, com ele.

Dom – Nunca deviam ter entrado naquele avião.

Yan – Mas como podiam saber? Quando entramos num avião, não escolhemos o piloto.

Dom – Não.

Yan – Confiámos cegamente numa pessoa que não conhecemos. E pomos a nossa vida nas mãos dela.

Dom – Como as crianças que dependem dos pais. Porque não têm escolha.

Yan – Mas os adultos... É uma loucura.

Dom – Sim.

Yan – Devemos saber sempre com que companhia viajamos e quem vai aos comandos.

Dom – Não devíamos poder dizer depois: «Eu não sabia.»

Yan – Morreram todos.

Dom – E nós nunca chegámos a nascer.

Yan – É por isso que não encontraram corpo nenhum.

Dom – Fomos simplesmente apagados.

Yan – Mas onde estamos nós, afinal?

Dom – Não sei... Parece uma prisão...

Yan – Ao ar livre, nesse caso...

Dom – Ou antes um cemitério.

Uma pausa.

Dom – Há pouco não éramos três?

Yan – Há pouco?

Dom – O Frédéric! Não te lembras? Chamávamos-lhe Fred.

Yan – Ah, sim, talvez.

Dom – Foi por ali.

Dom vai espreitar para os bastidores e regressa.

Yan – E então?

Dom – Nada. É a beira da falésia.

Yan – Também ali?

Yan dá a volta ao palco.

Yan – Na verdade, não estamos à beira do abismo... Estamos cercadas pelo vazio.

Dom – Estamos no meio de nenhures. E tenho a impressão de que não vamos sair daqui tão cedo.

Yan – É como se estivéssemos numa ilha rodeada pelo nada.

Dom – Não te aproximes demasiado da beira!

Yan – É a beira que se está a aproximar...

A luz começa a diminuir.

Dom – Está cada vez mais escuro.

Yan – Alguém tem um círio?

Dom – Queres dizer, uma vela?

Yan tira uma vela da mala.

Yan – Ando sempre com uma. Mas não tenho lume...

Dom – De que serve andar sempre com uma vela, se não tens lume?

Yan – Tens lume?

Dom acende a vela.

Dom – Isto parece um daqueles leilões que terminam quando a vela se apaga...

Yan – Se a vela se apagar antes de virem buscar-nos, nunca chegaremos a nascer.

A vela arde por um instante.

Dom – Então, ninguém?

Yan – A sério, sem arrependimentos?

Dom – Sem remorsos...?

Yan – Está algum piloto na sala?

Uma pausa.

Dom – Não somos filhos de ninguém.

Yan – Em lado nenhum. E em circunstância nenhuma.

Dom – Só nos resta a liberdade de decidir quando... voltar ao nada.

Dom sopra a vela.

Escuridão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Naufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023

© La Comédiathèque

ISBN 978-2-38602-018-6

Documento para download gratuito